



## Capítulo Um

# Senhores de Respeito

- Não quero ir dormir — disse João, o que surpreendeu sua mulher. As crianças nunca estão com vontade de ir dormir, mas gente grande como João geralmente já sai correndo para seu travesseiro e seu edredom assim que acaba de jantar.

— Não quero ir dormir! — João disse outra vez, e de um jeito tão exaltado que a mulher percebeu que ele estava muito aflito realmente.

— Andou sonhando outra vez, não é? — disse ela, com meiguice na voz. — Coitado, que aborrecimento...

João esfregou os olhos com as mãos fechadas.

— Já disse a você, eu não sonho nunca! Que coisa, ninguém acredita em mim, nem na minha própria casa!

A mulher afagou o cabelo lustroso dele e foi arrumar a cama para a noite. E lá, no lado da cama onde João dormia, havia algo protuberante debaixo da colcha. Não era uma bolsa de água quente nem um urso de pelúcia nem um livro da biblioteca. A senhora João levantou o lençol. Era um sabre de pirata.

Dando um suspiro, pendurou-o no cabide atrás da porta do quarto, junto com a aljava cheia de flechas e o roupão de João. Tanto ela quanto o marido preferiam fingir que nada estava acontecendo (porque é assim que gente grande faz quando está em uma situação difícil), mas secretamente ambos sabiam: João estava sonhando de novo com a Terra do Nunca. E, depois de cada sonho, alguma coisa sempre ficava para trás em sua cama, na manhã seguinte, como os caroços em um prato depois que se come ameixas. Uma espada aqui, uma vela ali, um arco, um vidro de remédio, uma cartola... Depois da noite em que ele sonhou com sereias, um cheiro de peixe pairou pelas escadas durante o dia inteiro. O armário estava entulhado até em cima com os refugos dos sonhos — um despertador, um cocar de índio, um tapa-olho,

um chapéu de pirata, de três pontas. (As piores noites eram aquelas em que João sonhava com o Capitão Gancho.) A senhora João afofou os travesseiros com um tapinha enérgico — e um tiro de pistola ecoou pela casa, acordando os vizinhos e apavorando o cachorro. A bala disparou dentro do quarto, derrubou o pé do abajur e espatifou um vaso. Com dois dedos e o maior cuidado, a senhora João puxou a pistola de debaixo do travesseiro e jogou-a dentro da lata de lixo, como se fosse um salmão que não estivesse muito fresco.

— São tão *reais!* — choramingou o marido, parado à porta. — Esses sonhos desgraçados são tão incrivelmente *REAIS!*

Em toda a cidade de Londres, até em lugares afastados como Fotheringdene e Grimswater, senhores respeitáveis estavam sonhando o mesmo tipo de sonhos. Não eram meninos pequenos, jovens e bobos, mas meninos que já tinham crescido: senhores bem dispostos, fleumáticos, que trabalhavam em bancos ou dirigiam trens ou cultivavam morangos ou escreviam peças de teatro ou se candidatavam para o Parlamento. No aconchego de seus lares, rodeados pelas famílias e pelos amigos, sentiam-se confortáveis e seguros... até que os sonhos começaram. Agora, sonhavam todas as noites com a Terra do Nunca e, ao acordar, encontravam sobras em suas camas — adagas, rolos de corda, montes de folhas, um gancho.

E o que eles tinham em comum, todos esses sonhadores? Só uma coisa. Haviam sido um dia Meninos na Terra do Nunca.



— Reuni vocês todos aqui porque algo precisa ser feito! — disse o juiz Piuí, torcendo seus vastos bigodes. — Esse negócio não está nada bom! Isso já foi longe demais! Assim não dá! Chega! Temos de agir!

Estavam tomando uma sopa marrom na biblioteca do Clube dos Cavalheiros, perto de Piccadilly<sup>1</sup> — uma sala marrom com retratos marrons de cavalheiros vestindo ternos marrons. A fumaça da lareira pairava no ar parecendo um nevoeiro marrom. Em cima da mesa de jantar, encontravam-se armas variadas, uma sola de sapato, um gorro e dois gigantescos ovos de pássaro.

Sua Excelência Deleve mexeu nos objetos com ar pensativo:

— Os despojos da Noite lançados às praias da Manhã! — murmurou (é que Sua Excelência Deleve, além de tocar clarineta em um clube noturno, tinha uma certa inclinação para escrever poesia).

— Chamem a senhora Wendy! A senhora Wendy com certeza saberá o que devemos fazer! — determinou o juiz Piuí. Mas a senhora Wendy, é claro, não

---

<sup>1</sup> Uma praça do centro de Londres, que fica na interseção de ruas importantes como a Regent Street (um centro de compras) e a Shaftesbury Avenue (onde ficam os teatros mais importantes da cidade). (Nota da Editora.)

fora convidada, porque não é permitida a entrada de senhoras no Clube dos Cavalheiros.

— Acho que é melhor deixar as coisas como estão, não vale a pena mexer com cachorro bravo que está dormindo — disse o senhor Bicudo, mas ninguém aclamou a idéia porque também não permitem a entrada de cachorros no Clube dos Cavalheiros.

— A mente domina a matéria! — exclamou o senhor João. — Precisamos *nos esforçar* para não sonhar!

— Já fizemos isso — disseram os Gêmeos com ar sombrio. — Ficamos acordados todas as noites durante uma semana inteira.

— E o que aconteceu? — perguntou o senhor João, intrigado.

— Adormecemos no ônibus em Londres quando íamos para o trabalho e sonhamos sem parar até chegar em Putney<sup>2</sup>. Quando saltamos do ônibus, estávamos os dois pintados para a guerra como dois índios.

— Absolutamente fascinante — comentou Sua Excelência Deleve.

— Na noite passada, sonhamos com a Lagoa — acrescentou o Segundo Gêmeo.

Ouviu-se um murmúrio de suspiros de simpatia. Cada um dos Senhores de Respeito sonhara recentemente com a Lagoa e acordara com o cabelo molhado e os olhos ofuscados pelos reflexos da luz na água.

---

<sup>2</sup> Bairro de Londres que fica a cerca de 5 km do centro. (Nota da Editora.)

— Isso tem cura, Cabelinho? — indagou o senhor Bicudo, mas o doutor Cabelinho não sabia de nenhum tratamento que curasse surtos de sonhos indesejados.

— Deveríamos redigir uma carta de protesto! — ressoou o vozeirão do juiz Piuí, indignado.

Mas ninguém conhecia nenhum Ministério dos Sonhos nem sabia se existia um Secretário de Estado para Pesadelos.

Por fim, nada tendo resolvido e sem ter um plano de campanha, os Senhores de Respeito mergulharam no silêncio e adormeceram em suas poltronas, e gotas marrons do café de suas xícaras pingaram no tapete marrom. E todos sonharam o mesmo sonho.

Sonharam que estavam brincando de pega-pega com as sereias, enquanto os reflexos do arco-íris moviam-se sinuosos ao redor e entre eles como se fossem cobras-d'água. Então, de algum ponto mais profundo e escuro, veio deslizando um vulto imenso e eles sentiram sua couraça encalombada e escamada roçar-lhes as solas dos pés...

Quando acordaram, as roupas dos Senhores de Respeito estavam encharcadas e, bem ali na frente, de barriga para cima, no meio da Biblioteca do Clube dos Cavalheiros, havia um crocodilo prodigioso, agitando violentamente a cauda, abrindo e fechando a bocarra com um barulhão tremendo, em um esforço para se virar e fazer deles sua ceia.

O Clube dos Cavalheiros esvaziou-se no tempo recorde de quarenta e três segundos e, no dia seguinte, todos os membros receberam uma carta da gerência.

*Clube dos Cavalheiros*

*Rua Marrom, esquina de Piccadilly, Londres, W1*

*23 de abril de 1926*

*Lamentamos informar que o Clube ficará  
fechado para reformas de 23 de abril até  
aproximadamente 1999.*

*Cordialmente,*

*A Gerência*

No fim, é claro, foi *mesmo* a senhora Wendy quem explicou tudo.

— Os sonhos estão vazando da Terra do Nunca — declarou ela. — Alguma coisa deve estar errada. Se quisermos que os sonhos parem, temos de descobrir o que é.

A senhora Wendy era uma mulher adulta, e das mais sensatas. Tinha uma cabeça metódica, organizada. Durante os seis primeiros dias de todas aquelas semanas, não admitiu de modo nenhum que os sonhos atravancassem sua casa com objetos estranhos.

Mas, no sétimo, já não estava *tão* segura. Nos últimos tempos, dera por si com pressa de ir dormir, ansiosa para entrar naquele lampejo crepuscular que vem entre a vigília e o sono. Por trás das pálpebras fechadas, ela observava um sonho vir flutuando em sua direção — assim como outrora observara o céu da janela de seu quarto, esperando em vão que um pequeno vulto surgisse de repente entre as estrelas. Todos os dias, na hora de dormir, seu coração batia mais rápido quando pensava em avistar a Lagoa outra vez ou escutar o canto do Pássaro do Nunca. Mais que tudo, ansiava por ver Peter de novo: o amigo que deixara na Terra do Nunca tantos anos antes.

Naquele momento, porém, a Terra do Nunca estava roçando no Aqui e Agora, fazendo furos no tecido que os separava. Tentáculos de sonho esgueiravam-se pelas frestas. Algo ia mal. A senhora Wendy de alguma forma o pressentia.

— Talvez os sonhos sejam mensagens — disse um Gêmeo.

— Talvez sejam avisos — sugeriu o outro.

— Talvez sejam sintomas — especulou o doutor Cabelinho, pondo seu estetoscópio na própria testa e auscultando-a para verificar os sonhos lá dentro.

— Receio muitíssimo que de fato sejam — disse Wendy. — Algo vai mal na Terra do Nunca, cavalheiros... E é por isso que temos de voltar lá.